

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	V. 12	N. 1	p. 133-156	2006	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	------	------------	------	----------------

LETRAMENTO DIGITAL – CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA E A ESCRITA NA INTERNET

Cláudia Graziano Paes de Barros* (UFMT)

RESUMO: Este artigo objetiva refletir sobre as formas de leitura e escrita na Internet. Serão apresentadas pequenas amostras aleatórias de um estudo piloto realizado com dados de um fotolog. Para tal, procuramos utilizar, neste estudo, uma análise lingüístico-discursiva em uma perspectiva bakhtiniana, cuja abordagem sócio-histórica busca uma observação dos fenômenos em um processo de compreensão ativa (BAKHTIN, 1929), constituída a partir do encontro entre os diferentes enunciados considerados (as interações nos blogs e fotologs).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Letramento digital.

DIGITAL LITERACY – SOME CONSIDERATIONS ABOUT
READING AND WRITING IN THE INTERNET

ABSTRACT: This article aims to think about the types of reading and writing in the Internet. There will be presented small random samples from a pilot study based on data from a fotolog. To do that, we used a linguistic and discursive analysis from a bakhtinian perspective whose social and historic approach seeks for an observation of phenomena in a process of active comprehension (BAKHTIN, 1929) constituted out of a conjunction between the different enunciations examined (interactions in blogs and fotologs).

KEYWORDS: Reading. Writing. Digital literacy.

* Professora do Departamento de Letras e do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem (MeEL) da UFMT.

Fora e além do livro há uma multiplicidade de modalidade de leitores. Há o leitor de imagem, figura, gravura, desenho, fotografia. Há o leitor de jornal, revistas. Há o leitor de gráficos. Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que se converteu a cidade moderna, a floresta de signos de que já falava Baudelaire. Há o leitor espectador, do cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade mais recentemente veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica, o leitor da escritura que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas, enfim, o leitor das arquiteturas líquidas da hipermídia, navegando no ciberespaço (Santaella – A leitura fora do livro).

Este artigo pretende refletir sobre os modos de leitura e escrita de jovens na Internet, uma vez que o seu surgimento reposicionou a leitura e a produção escrita em um lugar privilegiado, sobretudo entre crianças e adolescentes em idade escolar que têm acesso a essa tecnologia em suas casas ou freqüentam as propaladas *Lan house*. É reconhecido que, em contexto brasileiro, tal prática se estende a apenas uma pequena parcela da população letrada. Todavia, ainda assim, o assunto se constitui em um campo de interesse de pesquisa, não somente para descrição e reconhecimento dessas práticas letradas, mas também para contribuir com as discussões que têm se estabelecido desde seu aparecimento.

Para subsidiar a compreensão dessas novas práticas letradas, consideraremos alguns conceitos como o de letramento, letramento digital, hipertexto e compreensão ativa (BAKHTIN, 1929). Além disso, serão realizadas reflexões sobre algumas das práticas de leitura e escrita nos ambientes digitais, além de se tecerem considerações sobre a escrita de jovens em um fotolog¹.

¹ *Fotologs*, ou *flogs*, como são mais conhecidos, designam *websites* em que se podem colocar fotografias digitais na Internet, num formato de “diário” onde se registram informações diversas, além das fotografias que são disponibilizadas aos

Serão apresentadas pequenas amostras aleatórias de um estudo piloto realizado com o intuito de se buscarem subsídios para uma pesquisa posterior mais ampla. Para tal, procuramos utilizar, neste estudo, uma análise lingüístico-discursiva em uma perspectiva bakhtiniana, cuja abordagem sócio-histórica busca uma observação dos fenômenos em um processo de *compreensão ativa* (BAKHTIN, 1929), constituída a partir do encontro entre os diferentes enunciados considerados (as interações nos blogs² e fotologs).

Letramento

O termo letramento surgiu a partir da necessidade de se observar *o estado de quem sabe ler e escrever*, em contraposição a uma preocupação anterior, que se voltava apenas para o estado ou condição de alfabetismo (SOARES, 1998). Tal necessidade veio como conseqüência da compreensão de que é preciso não apenas saber ler e escrever, mas saber fazer uso efetivo da leitura e da escrita, respondendo às demandas sociais. O termo letramento diz respeito às práticas de leitura e escrita. Kleiman (1995, p. 19) considera que “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Portanto, mais do que dar a conhecer as letras, regras ortográficas, sintáticas ou gramaticais, o ensino da língua escrita deve considerar também a apropriação das práticas sociais de uso da linguagem,

visitantes. É possível comentar as fotos em livros de visitas, ler os comentários, colocar pensamentos ou poesias.

² **Blog** é uma abreviação de **weblog**, qualquer registro freqüente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal online por exemplo). A maioria das pessoas tem utilizado os blogs como diários pessoais, porém um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins. Uma das vantagens das ferramentas de blog é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na internet, ou seja, sem conhecimento técnico especializado. Disponível em: <http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966> acesso em 20/08/2005

contribuindo assim para a conquista de um novo modo de estar e ser na sociedade.

O surgimento da Internet não somente indicou novos modos de estar na sociedade como trouxe a linguagem escrita para o cotidiano de crianças e jovens em idade escolar. Utilizando a Internet, esses jovens se constituem como sujeitos de práticas letradas diversas – criam *Web logs* (ou blogs), administram-nos, colocam suas mensagens na rede quase diariamente, fazem amigos virtuais, constituídos a partir da capacidade de expressão escrita, visitam salas de bate-papo, interagem de maneiras diversas, por exemplo, através de jogos criados a partir de narrativas fantásticas, construídas coletivamente em ambiente virtual.

Hipertexto e leitura

O texto eletrônico se caracteriza pela criação de um espaço de informação no qual o leitor escolhe seu percurso de leitura através dos *links*. A possibilidade de acesso a diferentes *links* produz uma leitura não-linear porque o texto eletrônico se constitui em um grande mosaico de discursos em que o leitor pode escolher o caminho de leitura a ser percorrido, construindo e atribuindo sentidos a esses discursos de maneira diversa da leitura realizada na linearidade espacial do papel. O percurso não-linear promove novos padrões de intervenção por parte dos leitores. Lévy (1997, p 71) ressalta que na comunicação escrita tradicional os recursos de montagem são utilizados no momento da escrita: “Uma vez impresso, o texto material mantém uma certa estabilidade [...] à espera das desmontagens e remontagens de sentido a que o leitor se irá entregar”. O hipertexto, diferentemente, aumenta consideravelmente as possibilidades das operações de leitura:

Sempre num processo de reorganização, ele [o hipertexto] propõe uma reserva, uma matriz dinâmica a partir da qual um navegador-leitor-usuário pode criar um

texto em função das necessidades do momento. As bases de dados, sistemas periciais, folhas de cálculo, hiperdocumentos, simulações interativas e outros mundos virtuais constituem potenciais de textos, de imagens, de sons, ou mesmo de qualidades tácteis que as situações particulares atualizam de mil maneiras. O digital recupera assim a sensibilidade no contexto das tecnologias somáticas [voz, gestos, dança...], mantendo o poder de registro e de difusão dos meios de comunicação (LÉVY, 1997, p. 72).

O termo hipertexto precede à sua utilização em meio digital: refere-se a qualquer texto com escrita e leitura não-sequencial que permite ao leitor escolher múltiplos caminhos e acessar informações em cadeia. As notas de rodapé encontradas em livros impressos, por exemplo, são hipertextos. Números sobrescritos no meio do texto remetem o leitor às notas, quebrando a linearidade da leitura. A leitura do jornal impresso também se realiza hipertextualmente, já que as chamadas das primeiras páginas remetem a matérias no interior dos cadernos e o leitor vai selecionando aquelas que quer ler ou não, observa fotografias, volta sua atenção a outros textos³, etc. Lévy (1999) assim define:

Hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó

³ Conferir Paes de Barros (2005): *"Compreensão ativa e criadora": uma proposta para o ensino-aprendizagem de leitura do jornal impresso* (tese de doutoramento).

pode, por sua vez, conter uma rede inteira.
(LÉVY, 1999, p. 33)

O conceito formulado por Lévy também não se limita à forma eletrônica. Refere-se, também, a uma forma de escrita em teia, multilinear. Nesse corpo marcado pela fragmentação e pela multiplicidade de percursos de leitura, os textos associados são preponderantemente visualizados na obra e não apenas sugeridos por referências ou metáforas. Isso porque faz parte da construção hipertextual tornar palpável a intertextualidade.

Assim, foi a associação da computação com a hipertextualidade que gerou a *world wide web* (www), chamada simplesmente de Internet. Navegar na Internet possibilita acessar variados textos ao mesmo tempo. Um texto se abre em muitos outros, o que proporciona uma experiência nova de adquirir conhecimento, diferente das fontes tradicionais de referência. Nessa teia cibernética, os *sites* se configuram como infomídias interativas: armazenam, processam e disseminam dados e imagens oriundos de diversos ramos do conhecimento. Sua linguagem se constitui de forma híbrida, pois incorpora outras linguagens além da escrita, e o verbal e o não-verbal se apresentam ao leitor com igual intensidade.

Quéau (1993, p. 91-92) defende que essa relação de síntese entre o texto que advém do real e a sua reconfiguração hipertextual instaura “uma nova escrita que modificará profundamente nossos métodos de representação, nossos hábitos visuais, nossos modos de trabalhar e criar. De acordo com o autor, trata-se de uma revolução escrita profunda. Com ela surge uma nova relação entre imagem e literatura. Agora, o legível pode engendrar o visível”.

Segundo Lévy (1993), o computador representa uma tecnologia intelectual tão revolucionária para nossa época como foi a escrita para as sociedades orais; e, conseqüentemente, pode contribuir para modificar nossa forma de “ler” a realidade, tendo incidência direta sobre as maneiras de estruturar o pensamento. A informática, muito mais do que uma arte de automatizar cálculos, contribui “para estruturar os espaços cognitivos dos indivíduos e das organizações” (LÉVY, 1993, p. 53). Chartier

(1997), por sua vez, considera que a história do livro – e, portanto, das leituras – já viu outras revoluções anteriores ao aparecimento do texto eletrônico. Para ele, a revolução do *livro eletrônico* diz respeito tanto à materialidade do suporte quanto às maneiras de ler.

Consideramos, neste trabalho, a leitura como um ato de compreensão que só ocorre na medida em que uma dada enunciação formular na mente do leitor *um contexto ativo e responsivo* conforme coloca Bakhtin/Volochinov (1929). Esse pensador russo considera que só existe compreensão quando esta é *ativa*, quando no ato de compreender ocorre uma série de inter-relações complexas que enriquecem o compreendido com novos elementos. Uma vez que a comunicação só se concretiza na enunciação, ele defende que a enunciação é, portanto, “produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929, p. 112) e que, até mesmo no nível do diálogo interior, o indivíduo tem um *auditório social*, em função do qual se constroem as apreciações, deduções, motivações etc. Segundo o autor, o ato de compreensão é uma resposta, “na medida em que ele introduz o objeto da compreensão num novo contexto – o contexto potencial da resposta” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929, p. 94). No processo de compreensão, elaboramos uma série de *réplicas*, daí o termo “*ativa*” –, só se apreende uma enunciação se estivermos mantendo um diálogo: a cada palavra da enunciação corresponde uma série de réplicas que formulamos para a nossa compreensão.

Alguns autores, como Lévy (1999); Landow (1997); Xavier (2004), consideram que a comunicação em contexto digital é mais centrada no leitor e mais democrática:

O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar o usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. **Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que**

flutuam sobre a realidade imediata (XAVIER, 2004, p. 172). (ênfase adicionada)

Assim, de acordo com esses autores, pode-se concluir que a leitura de hipertextos exige uma participação muito mais ativa do leitor na medida em que cabe a ele reconstruir os sentidos dos textos através da não linearidade presente nos hipertextos. Essa possibilidade de eleger seus próprios percursos de leitura, de promover ligações com outros textos permite ao leitor ocupar um amplo e novo espaço, uma vez que uma nova estrutura de narrativa é criada, além de promover um estreitamento das distâncias estabelecidas, através da facilidade de interconectar informações vinculadas, tornando o leitor um co-autor do texto que vai sendo construído. No dizer de Lévy (1996, p. 52): “A partir do hipertexto, todo ato de leitura passou a ser também um ato de escrita”.

Landown (1992, p. 11) afirma que “hipertexto não permite uma tirânica, unívoca voz. “A voz é sempre aquela destilada pela experiência combinada do focus momentâneo, a lexia que alguém lê no presente, e a narrativa constantemente formada no caminho de leitura deste alguém”. Landown relaciona, também, o conceito de dialogismo de Bakhtin ao hipertexto em seu trabalho. Para este autor, a polifonia é uma característica fundamental do hipertexto, já que “ele não permite uma voz única, tirana, mas uma voz que é sempre distinta pela combinação de experiências de foco momentâneo”.

Contrariamente a esses autores, posiciona-se Possenti (2002), para quem o leitor de hipertextos se constitui de modo paradoxal, já que, por um lado tem o poder de escolher os caminhos que pretende seguir em sua leitura, de acordo com seus interesses, mas, por outro lado, isto o torna um leitor sem história:

O leitor que emerge dos textos sobre hipertexto é constituído um tanto paradoxalmente. Por um lado, ele é todo poderoso, pelo menos mais poderoso que o autor, tanto que decide ir por aqui ou por ali segundo seus interesses pelos links que quer

visitar. Mas, por outro lado, surge um leitor sem história ou sem interesses (POSSENTI, 2002, p. 218).

Possenti defende, assim, que o leitor de hipertextos parece estar sempre lendo pela primeira vez, pois precisa que lhe forneçam pistas “para saber em qual momento pode ou deve lhe derivar do texto (trecho?) que lê para outro texto (trecho?) que, eventualmente, fornecerá informações a mais [...]” (POSSENTI, 2002, p. 220). O autor indaga se a questão mais importante que o hipertexto coloca diz respeito à construção dos sentidos ou apenas a “uma nova forma de **circulação** de textos” (POSSENTI, 2002, p. 221).

De nossa parte, consideramos o leitor de hipertextos como um leitor que se diferencia dos demais em virtude das particularidades desse contexto de circulação (o ciberespaço), o que não exclui a possibilidade de que o leitor de hipertextos também se constitua leitor de outros textos em outros contextos, ou seja, existem práticas diferenciadas de leitura: um leitor internauta pode também ler romances, artigos científicos ou jornais. De acordo com Santaella, (2005) a união entre a telecomunicação e a informática gerou um outro tipo de leitor, que se distingue dos demais por programar suas leituras:

Nasce aí um outro tipo de leitor, revolucionariamente distinto dos anteriores. Não mais um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como era o caso do leitor movente, mas um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes, mas eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não mais um leitor que segue as seqüências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com seus passos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multi-seqüencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens,

documentação , músicas, vídeo etc. Trata-se de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópico tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. (SANTAELLA, 2005, s/p)

Refletindo sobre as possibilidades de construção de significados que o hipertexto oferece, podemos ponderar que o leitor, diante de uma página virtual, tem uma forte ascendência diante das inúmeras possibilidades colocadas pela autoria virtual, por isso, pode-se considerar um desempenho mais ativo e consciente do leitor através da possibilidade de sua interferência na construção dos sentidos do texto, não se anulando a linearidade semântica da narrativa em construção, mas abrindo, a partir das escolhas traçadas, uma narrativa nova na qual ele desenvolve suas próprias sucessões temporais e estruturais. De acordo com Chartier (1997), toda história de leitura supõe certa liberdade do leitor, cujos gestos mudam de acordo com os tempos e os lugares:

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, certa liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o **livro** pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler: Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram a compreensão (CHARTIER, 1997, p. 77).

A escrita na Internet, de acordo com Chartier (1997), leva-nos a refletir sobre como a noção de texto está sendo alterada e como os avanços tecnológicos incorporam mudanças que promovem novas formas de interação com o texto. Assim, esse novo objeto textual abre espaço para novos tipos de interação, as quais exigem diferentes formas de produção de textos e de leitura, que, por sua vez, exigem diferentes capacidades de seus usuários. Diversos pesquisadores, em todo o mundo, têm se dedicado a estudar essas capacidades, que estão relacionadas à noção de letramento, a partir da qual um sujeito se torne capaz de fazer uso da linguagem em diferentes práticas sociais de leitura e escrita, conforme exposto anteriormente. Associado a esse conceito, tem se expandido o conceito de *letramento digital*.

De forma geral, *letramento digital* designa o conjunto de conhecimentos que permite às pessoas a participação em práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos; envolve um conhecimento *técnico*, relacionado ao uso de teclados e programas de computador; entretanto, o letramento digital é mais amplo do que somente utilizar as ferramentas eletrônicas, uma vez que abrange a capacidade de construir sentidos a partir de textos nos quais palavras se conectam a outros textos - por meio de hipertextos, *links* e *hiperlinks* - bem como a partir de elementos pictóricos e sonoros que se encontram em uma mesma superfície discursiva, compondo textos multimodais. Além disso, também se refere a acessar, selecionar, processar e avaliar criticamente as informações e ter familiaridade com os princípios que conduzem a comunicação por meio do computador.

Como vimos, o letramento digital permite ao leitor-internauta escolher os caminhos que quer seguir, construindo seu próprio caminho de leitura. Assim, as inovações tecnológicas estabeleceram novos modos de leitura e de escrita, bem como novos modos de interação entre leitor-autor, através dos textos, e entre interlocutores. Essas inovações também proporcionaram o aparecimento de novas esferas de produção e de uso da linguagem, nas quais novos gêneros discursivos (hiper)textuais surgiram: bate-papo nos *chats*, *e-mail*, *fórum*, listas, *site*, *home-*

pages ligados à interatividade verbal e, conseqüentemente, responsável por novas formas e/ou funções de leitura e escrita.

A rede mundial de computadores permite aos usuários acesso a informações em qualquer parte do mundo. Conectados, esses usuários interagem nas esferas virtuais e, por vezes, passam a interagir também fora delas. Há poucos anos, os e-mails passaram a proporcionar uma comunicação pessoal e profissional de forma mais econômica e rápida, o que ocasionou mudanças de hábitos dos usuários: contatos telefônicos e envios de documento via fax foram substituídos pelo correio eletrônico. Os e-mails promoveram a conexão pela troca de mensagens escritas que chegam quase que imediatamente ao destinatário.

As salas de bate-papo e as comunicações via mensagens instantâneas como o *Messenger*, *ICQ*, entre outros, proporcionaram que as interações alcançassem um espaço novo: o das amizades virtuais, em que, além de várias possibilidades e ferramentas, pode-se saber se o interlocutor se encontra *on line* no momento. Pessoas que se conheceram nas salas de bate-papo têm a possibilidade de 'estretar' a amizade através das mensagens instantâneas. Essas esferas de comunicação virtual estão em constante mudança e aprimoramento. O mais novo mecanismo de interlocução na Internet são as redes sociais, identificadas como a geração seguinte do relacionamento virtual. Nessas redes, as amizades se estreitam, já que existe um 'convívio virtual'. Amigos se encontram através de um mecanismo de busca e se reúnem em comunidades de interesses comuns. Estas se diversificam em variados tópicos que abrangem todo o tipo de interesse, desde profissionais, artísticos e culturais a lembranças de infância.

A alteração de paradigmas que o surgimento da Internet causou para o mundo acabou por alterar os conceitos de comunidades tradicionais. Já que não há interação física nem proximidade geográfica, as comunidades virtuais se estruturam essencialmente sobre um único aspecto: os interesses em comum de seus membros. Devido a esses interesses, as pessoas conseguiriam criar relações sociais independentes da presença física, algumas dessas relações se tornam tão fortes que podem ser classificadas como laços comunitários. Estruturadas sobre um

locus virtual, não físico e nem real, essas comunidades surgiriam através da interação puramente comunicativa entre seus membros.

Refletindo com Bakhtin/Volochinov (1929), consideramos que há uma complexa reciprocidade dialógica na relação da linguagem com o social e ideológico: surgindo da necessidade da comunicação social, a linguagem se materializa na forma de interação. As enunciações, portanto, são o ‘produto’ das interações verbais dentro de contextos socialmente organizados. Os contextos sociais organizados em ambientes virtuais – as redes sociais ou as comunicações via mensagem instantânea, por exemplo – trazem sua própria linguagem as quais, por se estabelecerem por meio da linguagem escrita, reorganizam-se nesses ambientes e trazem traços particulares. Inicialmente (final dos anos noventa do século XX), seu contexto de uso restringia-se sobretudo à comunicação virtual, mas, na metade da primeira década do século XXI já começa a sair dos contextos virtuais e avançar para outros meios de comunicação, conforme veremos adiante.

A linguagem escrita dos jovens ou ciberlinguagem

A ciberlinguagem se caracteriza fortemente pela economia na escrita das palavras, sobretudo através de abreviações. Essa economia, contudo, não se restringe exclusivamente às abreviações, nem é a única característica da ciberlinguagem, mas que apresenta traços lingüísticos bem marcados. A seguir, alguns exemplos, extraídos de um fotolog.

Como dissemos anteriormente, um fotolog constitui-se em um *website* onde os autores podem não somente disponibilizar suas fotos na Internet, como também escrever comentários e interagir com outras pessoas nesse espaço. Além das fotografias, os autores também colocam poesias, comentários, pensamentos que são compartilhados e comentados pelos visitantes dos fotologs.

??Eu...Na Escola??

04/06/2005 21:43

Olha eu ki dinovu....agora cum uma ftinha minha.....nao ta muito boa...mais td bem...assim pelo menos atualiza.....!!!

Foi minha miguxa Flavinha q tiro...valew!

Mais ai eu tava na escola....ondi eu sentu.....dah pa percebe q é no fundao né...por ultima ainda...

"Todos os sentimentos cansam e "desistem", menos o amor.

Sentimento algum é tão teimoso!

Até quando passa, não acaba. Posto de lado, jamais se conforma.

Mesmo se afogando na impossibilidade, não morre."

Ah mais éh issu.....

Bom fds (atrasado) para tds.!

Bjnhus...Bjos...Bjaum..para todos meus amigos!!!

Ate +!!

Comentem!!_

by:_Pri_

Comentários

(04/06 21:49) **joyce**: oi pri como vc esta dimda nessa fotu te curto muito vc e mo vagal senta no fundao vagadunda (zuera) beijos

(04/06 22:08) **.....Rô:.....**: Oii miga

Hum..ta linnda na ftinha.....que carinha di....-To precisandu di alguem-...hihih!!!

Ta mtu linda na ftu..

Se flog tbm ta lindo.

Bjaum ate +...."!!

(04/06 23:46) **....:Flavinha:....**: Oiee...

Ta lindona a Sua fotu

Mais tb quem q tiro neh ????

Quem será que foi ehin ,ehin, ehin????

Será que foi eu ...será,será,será???

Achu que sim , por issu que saiu lindona

AHuhauHAUHuahUHAUhauH

Bjokxxxx

Dolu vc !

(05/06 16:53) **.....:Läry:.....: Oiiiee, tudu bem???espero q sim...

Gostei d+ desta foto e do seu flog tbm!!!!!!

bjaum espero q vc comente no nosso neh????

te+

f

u

i

i

zzzzz.....

!!!!

(05/06 22:32) **Nandinhu**: oieeee....q moça bonita....

kra d estudioza.....

uhauhauhua...

bjussss....

fuizzzz....

passa mais vezes lah mo meu flog tbmmm....

(05/06 22:36) **Alexandre**: Ola preiscila, tdo bom?...não liga pra

foto feia não, q nem assim vc consegue ficar feiia....fika na

Paz,,,,,bjão

(05/06 22:38) **Alexandre**: Desculpe por ter escrito seu nome

errado ta...seu nome é lindoPRISCILA.....

(05/06 22:58) **Luca**: aew...tah lindinha nina...txi dolu mot...gratz

pelo flog...to sem nada pra fla..

bjaum

flws

(06/06 21:02) * **mimi** *: oioioi..q ftu binita...baum te adolu nina...bjukss..comenta la no meu em...camilinhaflp.brasilflog.com.br...fui...te curtu!!!

(08/06 16:05) **DiEgo100%elas**: que da hora o seu flog gostei bracaramba principalmente de vc e minha prima abraco e bjos

(08/06 16:39) **jackson**: nuss como seu flog ta loko mas tira essas fotos das meninas

nem todas ta

(08/06 16:40) **jackson**: to zuando

(08/06 16:51) **Bilao**: Oi....Nossa q menina linda, q carinha de meiga....

um bjaum....fui

(09/06 21:40) **|\\|o@oLl1 Am'? PaKiToS®** : oiiii...tudooo bomm moxaaa bunitaaa???

aeee pediu pra euu comentaa akii too euu...eheehe...

aeee tahh lindonaaa na fotoo viuuu!!!!

Bjaummm t adoruu muitoo lindaaaa!!!!

O excerto acima é extraído do fotolog: <http://priscilab.brasilflog.com.br/>, e, observando-se as interações, algumas considerações podem ser tecidas:

1. além das substituições já famosas dos grafemas /qu/ por /k/ (aqui= aki), ou /q/ (oq, pq), a escrita dos jovens⁴ ou ciberescrita, apresenta alguns traços peculiares:

2. Não é só a economia que caracteriza essa linguagem uma vez que há substituições: *valew* – *precisandu* – *baum* – *ondi*. Como se observa, essa troca parece apresentar traços da língua falada: *Baum*, *precisandu*, *dinovu*, entre outros. Poderíamos refletir que essas substituições podem ocorrer em uma tentativa

⁴ Esse tipo de linguagem vem sendo denominado como *linguagem dos jovens*, por alguns segmentos, como a imprensa, por exemplo, mas não se restringe somente aos jovens, usuários da Internet de diferentes idades também se utilizam de maneiras de escrever semelhantes a essa.

de aproximação entre os interlocutores, facilitada pela língua falada.

3. Contrariando o que alguns especialistas têm indicado, essa forma de escrita não é 'espontânea', como se pode conferir nos *posts* de Alexandre:

(05/06 22:36) **Alexandre:** Ola preiscila, tdo bom?...não liga pra foto feia não, q nem assim vc consegue ficar feiia....fika na Paz,,,,,bjão

(05/06 22:38) **Alexandre:** Desculpe por ter escrito seu nome errado ta...seu nome é lindoPRISCILA.....

O garoto digita o nome da criadora do flog errado e, como não pode reescrevê-lo no mesmo *post*, coloca um novo *post*, desculpando-se *por ter escrito seu nome errado ta...seu nome é lindoPRISCILA.....*. Dessa forma, a reescrita, prática letrada de produtores de textos eficazes e requerida como uma das práticas escolares que se deveria desenvolver nos alunos, é utilizada com naturalidade nesse contexto pelo menino.

4. Outro aspecto que se pode notar é que os *posts* se apresentam, em sua maioria, em ciberescrita, todavia, os blogueiros colocam diferentes textos em seus sites, como poesias, pensamentos de grandes autores, nesses casos, o que predomina é a norma culta. Uma explicação para isso é o fato de que se pode recortar de outras páginas da Internet e colar nas páginas os textos como se apresentam no original. Observa-se, portanto, que, em vez de procurarem adaptar a citação à linguagem usual do meio há uma espécie de respeito à autoria: assim, não se encontram textos citados em ciberescrita. O que chama atenção nesse caso, é o fato de que os adolescentes, ao acessarem a Internet, ainda que em um contexto de produção específico como os blogs e fotlogs de amigos, entram em contato com a norma padrão e ainda comentam o conteúdo dos textos, como se pode observar no excerto a seguir:

11/06/2005 20:38

Euu..divolta....depois di uma semana...rsrsrs!!

Ahh.....eu nem tava com vontade di posta.....e esses dias eu tbm nem estava mtu bem..!!!

Mais faze oq néh.....é a vida!!!

Nem sempre ela é cmo queremos!!

>Rir é correr o risco de parecer tolo.

>Chorar é correr o risco de parecer sentimental.

>Estender a mão é correr o risco de se envolver.

>Expor seus sentimentos é correr o risco de mostrar seu verdadeiro

>eu.

>Defender seus sonhos e idéias diante da multidão é correr o risco de

>perder as pessoas.

>Amar é correr o risco de não ser correspondido.

>Viver é correr o risco de morrer.

>Confiar é correr o risco de se decepcionar.

>Tentar é correr o risco de fracassar.

>Mas os riscos devem ser corridos, porque o maior perigo é não

>arriscar nada.

>Há pessoas que não correm nenhum risco, não fazem nada, não têm

>nada, e não são nada.

>Elas podem até evitar sofrimentos e decepções, mas elas não

>conseguem nada, não sentem nada, não mudam, não crescem, não amam,

>não vivem.

>Acorrentadas por suas atitudes, elas viram escravas, privam-se de

>sua liberdade.

>Somente a pessoa que corre riscos é livre!

>" OS NAVIOS NÃO ALCANÇAM AS ESTRELAS, MAS É ATRAVÉS DELAS QUE SE

>LANÇAM AO MAR."

Axo mtu lindu issu...

Êh issu.....ate mais...comentem preu ai..
(11/06 21:54) * **mimi** *: oi flor baum ta dindu seu flog
adolei...rsrsrs...baum te curtu mtu...bjuksss e ate+++!!!

5. Algumas meninas, ao escreverem, procuram reproduzir na escrita uma fala meio infantilizada, manhosa, – lembrando um tatibitati – marcada por substituições dos grafemas /S/ por /X/: *moxa* (moça), *miguxa* (amiga), além de outros exemplos como *te adolu* (te adoro), *binita* (bonita), *dindu* (lindo).

Além disso, alguns fatos lingüísticos nos levam a concluir que a ‘espontaneidade’, apontada por alguns especialistas como marca principal dessa linguagem, não é, na verdade, uma de suas características, nem a rebeldia ou a economia somente: se observarmos, por exemplo, as marcas de tonicidade de alguns vocábulos (sinalizadas por acentos na norma padrão) não são absolutamente abolidas, mas assinaladas graficamente de um modo particular: como é o caso do uso de /h/ no final de oxítonas ateh/ por /até/ e dos monossílabos tônicos /eh/ por /é/, /lah/ por /lá/.

Finalmente, não porque o assunto se esgote, mas para abrir novas reflexões sobre essa forma de grafia, o uso das abreviações é marcado pela presença de consoantes e omissão de vogais, obedecendo a uma lógica lingüística de abreviações que parte fortemente do discurso escrito e não do oral: um exemplo é a escrita de vc por você, que na linguagem oral, em boa parte do país, é substituída por /c/ em frases como *ce sabe?*, *ce foi lá?*, etc.

Em seu surgimento, essa forma de escrita parecia estar restrita aos *chats*, *blogs*, comunidades virtuais e ICQs. Todavia, a ciberlinguagem, que já vem sendo denominada popularmente de *Internetês*, tem ampliado seus limites exclusivamente virtuais e penetrado em outros contextos discursivos. Um exemplo é a sessão *Cybermovie* de um canal pago de televisão, cujas legendas são todas escritas dessa forma. Quando a sessão passou a ser

transmitida, alguns segmentos da sociedade reagiram contrariamente à exibição de filmes com legendas escritas na ciberlinguagem. Apesar disso, o canal de televisão afirma ter aumentado a sua audiência em 30% no horário em que a sessão é transmitida. De acordo com Lajolo⁵ a capacidade de “inventar e alterar linguagens é talvez a mais humana das capacidades, convencionar abreviações é tão antigo quanto a invenção da escrita e, posteriormente, da imprensa.”

Não há razão, portanto, para estranheza do fenômeno lingüístico que ocorre na escrita dos jovens na Internet. Para nós, o que se poderia considerar é como as práticas de letramento ocasionadas pelas novas tecnologias podem colaborar com o letramento dos alunos em contextos escolares.

Não ignoramos o fato de que uma parcela muito grande da população brasileira em idade escolar não tem acesso à tecnologia digital e ao ciberespaço. Conforme apontam os dados de pesquisa realizada pelo INAF⁶, apenas 57% dos jovens das classes A/B; 19% dos jovens da classe C e 5% dos jovens das classes D utilizam computadores, ainda que eventualmente. Tal realidade reforça a necessidade de implementação de políticas públicas que promovam o acesso dessa grande parcela da população às práticas letradas aqui descritas.

Além disso, há que se refletir que o *status* que a leitura e a escrita alcançaram na vida dos jovens nos meios virtuais não corresponde àquele realizado em ambiente escolar, ou seja, nos ambientes virtuais, esses jovens têm um contato muito maior com a leitura e a escrita, um contato que não se origina em exigências escolares, mas parte de interesses específicos de comunicação, informação, relacionamento, diversão etc.

Essa breve análise das práticas letradas que estão sendo produzidas no ciberespaço encaminha para a necessidade de

⁵ Em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo*, em 24/04/2005.

⁶ INAF – Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, é uma iniciativa do Instituto Paulo Montenegro – Ação Social do IBOPE e da ONG Ação Educativa. O objetivo do INAF é oferecer à sociedade brasileira um conjunto de informações sobre habilidades e práticas relacionadas à leitura, escrita e matemática da população brasileira, de modo a fomentar o debate público e subsidiar a formulação de políticas de educação e cultura. (RIBEIRO, 2003, p. 9)

mudanças das práticas letradas desenvolvidas nos espaços educacionais, não somente para a necessidade de continuidade de apropriação de capacidades de leitura e escrita mais sofisticadas, por parte dos alunos, como também para a premente exigência de mudança nas práticas de leitura e escrita no âmbito escolar, tanto no Ensino Fundamental como no Médio. Também aponta para um trabalho integrado com linguagens, suportes, textos, discursos e línguas, variados e inter-relacionados. Os contextos virtuais de que os alunos participam têm lhes oferecido diferentes alternativas de leitura e escrita bastante significativas, que parecem estar sendo ignoradas pela escola. Ao que parece, ocorre uma desarticulação entre o que a escola propõe como práticas de leitura e escrita e as práticas realizadas, em função dos interesses, das vivências e experiências das crianças e adolescentes em ambientes virtuais.

Em uma época em que as diferentes linguagens se apresentam de maneira simultânea: em textos e discursos multimodais – nos jornais impressos, nas revistas, nos livros didáticos, nos textos publicitários ou nos ambientes digitais –, compreender e produzir textos não se restringe mais somente ao verbal (oral ou escrito), mas à capacidade de relacionar as diversas modalidades de linguagem – oral, escrita, imagem, imagem em movimento – para, a partir delas, construir sentidos.

Assim, cabe questionar de que modo a leitura hipertextual e a ciberescrita podem contribuir no letramento escolar, quais mudanças o letramento digital pode promover no currículo escolar, na construção do conhecimento na escola e nas práticas de leitura e escrita que se realizam nesse espaço. Rojo (2001, p. 67) aponta para o fato de que “começa-se a reconhecer processos e práticas diferenciados entre diversas agências de letramento (família, igreja, escola, sindicatos etc.) [...] Começa-se a pensar em letramentos. Portanto, podemos pensar em diferentes níveis e tipos de letramento, que variam de acordo com a sócio-história de cada sujeito”. Admitida essa idéia, a escola exerce um papel significativo na constituição dos letramentos de seus alunos, já que é a principal responsável por essa constituição. Mas, como vimos observando, não a única.

A partir dessas considerações, pode-se concluir com Santaella (2005, s/p), citada na epígrafe deste texto: “Fora e além do livro há uma multiplicidade de modalidade de leitores. Há o leitor de imagem, figura, gravura, desenho, fotografia. Há o leitor de jornal, revistas. [...] A essa multiplicidade mais recentemente veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica, o leitor da escritura que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas, [...], navegando no ciberespaço”. Poderíamos arriscar uma paráfrase: fora e além da escola, há uma multiplicidade de leitores e escritores esperando para avançar para além das práticas escolares de escrita, em situações efetivas de construção da linguagem. Para que isso ocorra, é preciso que haja ações concretas de políticas públicas que visem à capacitação dos docentes para o ambiente virtual, ações que ampliem o letramento digital desses docentes e sua visão acerca do ensino de língua materna, de modo que não haja espantos ou preconceitos quanto às linguagens sociais que seus alunos trazem, mas que as variedades lingüísticas de sua linguagem oral e escrita possibilitem a reflexão sobre os usos da linguagem em diferentes esferas e a ampliação de suas práticas letradas dentro e fora da escola.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M./Volochinov, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. M. O discurso no romance. In: M. M. BAKHTIN. **Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance**. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 1979. p. 71-210.
- _____. Os gêneros do discurso. In M. M. Bakhtin. **Estética da criação verbal**, São Paulo: Martins Fontes, 1979. p. 277-326.
- CHARTIER, R. Textos, impressos, leituras. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de M. Galhardo. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p.121-139.
- _____. (ed.). **The culture of print**. Princeton: Princeton University Press, 1989.

- _____. (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- _____. Línguas e Leituras no Mundo digital. In: Chartier, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 11-32.
- GÓIS, A. *Pq jovens te axim?* Artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2404200529%2ehtm>. Acesso em 02/ 05/2005, 2005.
- KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.
- LANDOW, G. **Hypertext: The convergence of Hypertext and Critical Theory**. Versão *on line* do livro editado pela John Hopkins University Press- Singapura, disponível em <http://www.cyberartsweb.org/cpace/ht/jhup/history.html#1> > acesso em 02/11/2003, 1992.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. **O que é o virtual?** Trad. De Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. **A inteligência coletiva: para uma antropologia do ciberespaço**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- _____. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo, Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. & Xavier, A. C. S. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- PAES DE BARROS, C. G. **Compreensão ativa e criadora: uma proposta de ensino-aprendizagem de leitura do jornal impresso**. Tese de Doutorado, 2005.
- POSSENTI, S. **Os limites do discurso – ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

QUÉAU, P. O tempo do virtual, In: André Parente (org.). **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 91-92.

RIBEIRO, V. M. (org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

ROJO, R.H.R. Modelização didática e planejamento: Duas práticas esquecidas pelo professor? In A.B.KLEIMAN (org) (2001) **A Formação do professor: Perspectivas da Linguística Aplicada**, p. 313-335. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. Texto de divulgação científica elaborado para o **Programa Ensino Médio em Rede**, Rede do Saber/Fundação Vanzolini/SEE-SP e para o *Programa Ler e Escrever – Desafio de Todos*, CENPEC/SME-SP. SP: SEE-SP e SME-SP, circulação restrita, 2004.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SANTAELLA, L. **A leitura fora do livro** (disponível em <http://wellplural.vilabol.uol.com.br/leitura02.htm> - acesso em 12/04/2005)<http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>, 2005.

XAVIER, A C. **Leitura, texto e hipertexto**. In Marcuschi, Luiz Antonio & Xavier, Antonio Carlos dos Santos. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Sites visitados:

<http://priscilab.brasilflog.com.br/>

<http://www.interney.net/blogfaq.php?p=6490966>

<http://www.oi.com.br/data/Pages/>

<http://www.brasilflog.com.br/contato.php?tipo=4#4>